

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DRIELE RIBEIRO DOS SANTOS ANTONIO

**UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS ORIENTADAS AO ENSINO DA LEITURA**

CAMPINAS  
2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Driele Ribeiro dos Santos Antonio

Um estudo sobre práticas orientadas ao ensino da leitura

Monografia apresentada como exigência parcial para a conclusão do curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva.

Campinas  
2010

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva**

**Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_**

---

**Profa. Dra. Lilian Lopes Martin da Silva**

**Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_**

**Dedico este trabalho à memória de minha  
querida avó materna, Dona Jandira.**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelas bênçãos e oportunidades que todo o tempo tem colocado em minha vida.

Aos meus pais, pelo incentivo, amor e carinho dedicados diariamente.

A minha tia Marisa, pelas palavras de incentivo e encorajamento voltadas ao exercício da profissão magistério.

As minhas queridas irmãs, Arielle e Franciele.

Ao meu amado Eduardo, namorado e amigo inseparável, por sempre me apoiar e estimular a ir em frente, em busca de meus sonhos.

Ao meu orientador, professor Dr. Ezequiel Theodoro da Silva, pelo carinho, pela atenção e compreensão durante toda a realização deste trabalho.

A professora Dra. Lilian Lopes Martin da Silva, que muito gentilmente leu o meu trabalho.

A todas as professoras da E. M. “Profa. Maria de Lourdes Von Zuben”, pela disponibilidade e por terem contribuído substancialmente para a concretização da pesquisa.

À Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, aos professores, funcionários e amigos conquistados no Curso de Pedagogia.

## RESUMO

Esta pesquisa foi realizada em uma escola municipal de Ensino Fundamental I, da cidade de Vinhedo, e preocupou-se em estudar as práticas de leitura de professoras alfabetizadoras e o trabalho docente que estas desenvolvem para conduzir o ensino da leitura.

Pensando a educação de forma global, e baseando-se em uma concepção de leitura que privilegia a formação social do aluno como leitor e cidadão, que tem direito à educação de qualidade, consideramos vital que as práticas do professor sejam voltadas para um ensino crítico da leitura.

Como referenciais teóricos foram elencados textos de LAJOLO (1986), MARTINS (1994), FREIRE (1998) e SILVA (2003), em defesa de uma educação crítica e de qualidade.

A partir de uma abordagem qualitativa, conduzimos a pesquisa mediante estudo de caso, em que 9 professoras de 1º ao 2º ano participaram de entrevista estruturada. Após todas as informações terem sido coletadas com a ajuda de um gravador, estas foram transcritas e analisadas.

Verificou-se ao final da análise que embora a leitura seja valorizada pelos professores, nem sempre ela acaba sendo uma prática usual, freqüente ou mesmo corriqueira em suas vidas. Tal fato parece interferir diretamente nas práticas de leitura vivenciadas em sala de aula pelas docentes e seus alunos, no sentido de por vezes limitar o universo de possibilidades de uma maior compreensão do ato de ler por parte dos alunos.

**Palavras-Chaves:** Leitura crítica; Ensino da leitura; Trabalho docente.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1: O ENSINO DA LEITURA</b> .....	<b>11</b>
1.1. EDUCAÇÃO E SOCIEDADE .....	14
1.2. A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO À LEITURA .....	17
<b>CAPÍTULO 2: QUADRO TEÓRICO</b> .....	<b>21</b>
2.1. CONCEPÇÃO DE LEITURA.....	21
2.2 TIPOLOGIA DE PRÁTICAS DE LEITURA .....	24
<b>CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>26</b>
3.1 UNIVERSO DE PESQUISA.....	29
3.2 O CORPO DOCENTE .....	32
3.3 OS ENTREVISTADOS.....	34
3.4 COLETA DE INFORMAÇÕES .....	35
<b>CAPÍTULO 4: ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>37</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>50</b>
<b>ANEXO I:</b> .....	<b>52</b>
<b>TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DAS PROFESSORAS</b> .....	<b>52</b>

## **Introdução**

Durante minha formação escolar a leitura não esteve muito presente na minha família, mas principalmente na escola. Em quase todas as séries pelas quais passei, sempre tive o prazer de ter um professor que incentivasse essa prática, promovendo aulas de leitura na biblioteca, valorizando a literatura brasileira, pedindo para que lêssemos livros na íntegra, resenhassemos e depois em sala de aula discutíssemos nossa leitura e refletíssemos sobre a história, na intenção de proporcionar um estudo crítico dos textos.

Revivendo as experiências boas (relacionadas à leitura) que tive durante minha vida escolar - e agora no ensino superior - não posso deixar de compará-las com as experiências ruins que também existiram. E ao fazer este exercício, é inevitável reconhecer a presença de uma relação afetiva, que fora estabelecida, com a leitura, todas as vezes em que o professor incentivava uma prática mais consciente.

A afetividade que permeava essas práticas de leitura sempre remetia a significados importantes para a minha vida escolar e pessoal. E os casos em que os professores não tinham a leitura como fator norteador de seus trabalhos e o exercício crítico da cidadania, como princípios para suas aulas, provocavam em mim uma relação com a disciplina ou mesmo com o professor de má qualidade. Ao que parece, quando havia o incentivo à leitura a afetividade era aguçada, e o relacionamento (professor-aluno) mais aprofundado e sensível.

Desta forma, relaciono o trabalho diferenciado dos professores com a leitura, que me envolveram com seus estímulos à essa prática, ao conjunto de suas vivências, leituras, gosto e prazer pela experiência de ler.

Não possuo a experiência de um docente, pois minha trajetória na área da educação revela-se bastante recente, já que ainda não leciono por não ter feito, antes da pedagogia, o curso de magistério. Em agosto de 2009 fui chamada pela prefeitura de Vinhedo para assumir o cargo de inspetora de alunos, em resposta ao edital do último concurso público para a área da educação, realizado pelo Município no ano de 2006.

Na ocasião da convocação, eu exercia o cargo de monitoria no período integral de uma escola particular de Campinas. O auxílio às turmas do período integral girava em torno de organizá-las na hora do almoço, e do lanche, na realização das lições de casa e ainda em dirigi-las a atividades extras como: música, ioga, capoeira, inglês, culinária e treinamento de educação física.

Tendo trabalhado nesta rotina por mais de um ano, aceitei o desafio de ser inspetora de alunos sem titubear. E neste momento devo citar a maior responsável por eu estar na área da educação, minha tia Marisa. Professora há aproximadamente 18 anos, esta mulher é exemplo de dedicação, respeito e comprometimento a profissão de docente. Sempre se reporta a educação com muito zelo e me incentiva a trilhar caminhos cada vez mais desafiadores.

Em função desse exemplo, minha relação com a educação sempre foi de apreço e admiração, e muito embora não tenha adquirido o hábito de ler em casa, pude desenvolver o prazer da leitura, ou melhor, das leituras que fazemos dos diferentes textos e da realidade à nossa volta.

Refletindo sobre a educação em sua totalidade e na busca de algum entendimento a respeito da importância do ato da leitura e como o professor lida com a

mesma na escola, problematizarei neste trabalho a prática docente e as possíveis adversidades com as quais os professores têm que conviver na escola e na sociedade.

## Capítulo 1: O ensino da leitura

A educação permeia a nossa vida e está presente em todos os lugares, gestos e ações. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de outro, envolvemos nossa existência com a educação para aprender e ensinar, todo o tempo.

Com relação ao ensino da leitura, no momento em que o indivíduo começa a ler, ele decodifica o código, ou seja, reconhece a letra, e se esta decodificação não estiver significativamente relacionada às práticas cotidianas do leitor, a leitura não se configura como um ato de sentido, necessário e presente no seu dia-a-dia.

Diante desta premissa, o trabalho que aqui se encontra preocupou-se em estudar as posturas que o professor assume e as atividades que realiza em seu cotidiano, nas quais a leitura é privilegiada e pode com isso contribuir para o ensino significativo e sólido das práticas de leitura na escola.

Assim, alguns questionamentos foram levantados como: Quais são as práticas sociais ligadas à leitura, em que os professores deixam-se envolver? E como tais práticas podem contribuir para o ensino significativo e prazeroso da leitura, que o professor leitor pode vir à promover?

Sem dúvida alguma, o ato de ler é um processo complexo e que abrange perspectivas sociais e afetivas, possibilitando ao leitor interagir com o texto a partir de suas vivências e tornando-se capaz de produzir sentidos diversos a respeito do que ele lê e da sua existência enquanto cidadão.

À respeito deste assunto Grotta (2001), destaca:

Dessa forma, a relação texto/leitor constitui-se no espaço interlocutivo da leitura: o leitor, ao produzir sentidos a partir da leitura, constitui-se por meio

dela, modificando seu modo de pensar a respeito de si mesmo, do mundo e de suas relações: (trans)forma-se (GROTTA, 2001, p. 129).

Partindo do pressuposto de que a leitura configura-se como um meio de transformação, o indivíduo que desfruta das práticas de leitura encontra-se possibilitado a pensar sobre sua realidade e conseqüentemente, ampliar suas visões de mundo, tendo o poder de agir como ser social consciente de seu papel como cidadão.

Favorável a esta visão, Freire (1989) acredita que a leitura de mundo precede a leitura da palavra propriamente dita, ou seja, é preciso que antes de ler a palavra o indivíduo leia o mundo e as suas experiências, para então compreender o texto a partir de uma leitura crítica.

Destacamos então que o ponto crucial para que o sujeito obtenha uma compreensão efetiva do que o ato de ler representa em sua vida, diz respeito aos trabalhos significativos que podem ser-lhe destinados pelo contexto social, em que está inserido e principalmente pela escola.

Sobre o aprendizado da leitura, Lajolo (1993) garante que para a grande maioria das pessoas o aprender a ler livros acontece na escola, sendo que outros tipos de leitura serão mais prováveis de serem aprendidos na vida cotidiana e nas relações estabelecidas com a sociedade.

Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se *ler livros* geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura do vôo das arribações que indicam a seca – como sabe quem lê *Vidas secas* de Graciliano Ramos – independe da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros (LAJOLO, 1993, p.07).

Este tipo de leitura descrito pela autora perpassa a vida dos alunos, mas também a dos professores, já que antes de ensinar a ler qualquer que seja o tipo de texto, o próprio professor necessita aprender a fazer suas leituras. Diante da tarefa de conduzir e direcionar o processo pedagógico, o professor precisa estar preparado intelectualmente (sempre atualizando seus conhecimentos) a fim de oferecer a seus alunos o melhor ensino possível.

Para Grotta (2001), a formação do leitor acontece a partir de suas relações enquanto sujeito com as leituras feitas autonomamente e também com as leituras que lhes fazem ao longo de sua vida. Contudo, os contextos social, político, cultural e afetivo nos quais o sujeito está inserido, entrelaçam e influenciam as relações que serão estabelecidas entre o indivíduo e a leitura.

Pensando nesta relação indivíduo-leitura que é constituída de forma global, consideramos o papel do professor (responsável pelo ensino da leitura na escola) fundamental para a formação social do aluno, como leitor e cidadão que tem direito à uma educação de qualidade.

Assim, a importância deste estudo justifica-se, na medida em que o professor como ser social, através das relações que estabelece com a leitura, delimita práticas pedagógicas específicas para o ensino da leitura. Portanto, estas práticas serão devidamente elencadas e discutidas, a fim de encontrarmos senão respostas definitivas para as perguntas feitas, alguns apontamentos sobre o ensino da leitura, num ambiente escolar concreto.

## 1.1. Educação e sociedade

O processo de ensinar e aprender está sempre repleto de intencionalidades que correspondem aos interesses de cada um que se responsabilize em promover a educação.

Neste sentido, Brandão (1993) traz a ideia de que podemos conviver não com “uma” educação e sim com várias educações e que o fato de termos sempre algo para dizer sobre a educação nos permite pensar em como esta é múltipla e capaz de assumir a forma mais adequada à sociedade que a institui.

Cada sociedade desenvolve um tipo de educação em busca da organização e regulação social que se faz necessária para a manutenção de seu modelo político-econômico. Bourdieu concorda com esta ideia e aponta em seu livro ‘A reprodução’ (1992), que as classes sociais e seus limites naturais das variações culturais teriam o poder de interferir no sistema de ensino, de forma que este ficaria condicionado às imposições dos grupos sociais.

Segundo Bourdieu (1982), permeia as classes sociais um poder que ele chama de violência simbólica, ou seja, todo poder que impõe significações como legítimas, mascarando as relações de força existentes na base de cada classe social e entre as mesmas.

O autor ainda aponta a violência simbólica objetivamente como *ação pedagógica* que, permeando as relações de força dos grupos ou classes, os quais constituem uma formação social pautada no poder arbitrário, facilitaria a instauração de

uma relação de comunicação pedagógica, tornando possível a imposição e a inculcação (educação) de um arbitrário cultural.

Investigando a educação em termos gerais, sob a ótica das relações sociais fundamentadas na dominação do outro, por sua vez, Freire (1984) também faz uma reflexão acerca do papel que a educação desempenha na sociedade como um todo. Para o autor, a educação que se diga a serviço da humanidade de todos nós em geral é impossível que seja neutra, ou seja, para ele o processo educativo carrega consigo uma natureza política inegável.

Desta forma, para Freire (1984), torna-se fundamental tanto no caso do processo educativo quanto no ato político, tornar clara a questão: *“a favor de quem e do quê, portanto contra quem e contra o quê fazemos a educação e a favor de quem e do quê, portanto contra quem e contra o quê, desenvolvemos a política”* (FREIRE, 1984, p.27).

A educação como um ato fundamentalmente político, para Freire (1984) deve ser vivenciada como uma prática concreta de conscientização e de construção da história.

O ato de ensinar pressupõe uma intencionalidade política que circunda desde os responsáveis pela criação e implementação das políticas públicas educacionais de um país, até os gestores, e professores das redes de ensino, que no caso, posicionam-se na “linha de frente da educação”.

Portanto, em vários momentos da história da humanidade, notamos os rumos da educação diretamente ligados às mudanças ocorridas nos campos da política e da economia, engendrando grandes transformações na sociedade. Sobre o movimento histórico de ascensão da pós-modernidade, o filósofo Lyotard (1985), citado por

Sanfelice (2009) discorre que: “*a chegada da pós-modernidade ligava-se ao surgimento de uma sociedade pós-industrial na qual o conhecimento tornara-se a principal força econômica de produção, embora ele tivesse perdido suas legitimações tradicionais*” (SANFELICE, 2009, p. 3).

O neoliberalismo e o capitalismo eram o que podia haver de mais compatível ao discurso de liberdade e prosperidade, proferido pela burguesia, grande idealizadora desta mudança na economia.

As teses centrais do neoliberalismo, considerando o conceito de mercado como eixo das relações sociais, bem como a defesa do estado mínimo contra o estado benfeitor, têm sido orientadoras das políticas sociais e muito especialmente das políticas educacionais. As políticas sociais pode-se dizer, foram também elas atiradas às leis de mercado (SANFELICE, 2009, p.10).

Vemos que a educação tem o seu projeto educacional ou de “*inculcação*” bem delineado conforme os interesses político, social e econômico vigentes da sociedade. Quando a sociedade aplica um ou outro modelo de educação, ela detém o poder, seja através da sabedoria do cacique de uma tribo, ou do capital social e econômico superior da classe dominante, presente, por exemplo, em uma sociedade capitalista, como a que vivemos, ditando assim os rumos que o povo seguirá.

Segundo Sanfelice (2000), como resultado da interferência política do Estado na educação, hoje notamos o financiamento internacional da educação, bem como a intervenção das agências mundiais na estruturação dos sistemas de ensino do nosso país. A educação é “*elevada*” a um novo patamar: produto a ser consumido e desfrutado por quem tem vontade e competência para adquiri-lo, e de forma especial na esfera dos ensinos médio e superior. “*As teses neoliberais têm sido pródigas em propor argumentos favoráveis à privatização da educação, como formadora das elites ou para*

*dar a cada um o que sua função social exige, e que não pode ser obtido por meio de uma educação pública comum” (SANFELICE, 2001, p.10).*

No momento em que identificamos e problematizamos os rumos de nossa educação segundo as constantes mudanças ocorridas em nossa sociedade, nós educadores, conscientes de nosso papel, devemos sempre buscar a compreensão política da educação que promovemos. Contudo, sem perder de vista a ideia de que os estudantes também precisam compreender que podem mudar a sua realidade através de suas experiências; o professor torna-se assim um mediador para esta compreensão, na medida em que entende seu papel como educador social e busca evidenciar as vivências do educando, transformando-as em fomento para a mudança.

## **1.2. A importância do incentivo à leitura**

O aumento quantitativo do número de estudantes matriculados e o alargamento da faixa de escolarização no ensino fundamental I têm proporcionado desde o final do século 20, a democratização da escola brasileira, muito embora não tivesse solucionado a crise interna do sistema de ensino do nosso país.

Segundo Zilberman (1986), esta crise pode ser observada desde a difícil alfabetização até a imensa dificuldade que a maioria dos estudantes secundaristas tem de passar pelas provas de vestibular das universidades públicas. A principal causa para a leitura encontrar-se em evidência no debate sobre o aprendizado justifica-se pelo importante papel que a leitura exerce ao longo do percurso escolar dos indivíduos.

Produto da alfabetização, a leitura quando estimulada e exercitada de forma sólida e comprometida, seria capaz de interferir em outros campos intelectuais do aluno, proporcionando a ele uma diferenciação em suas manifestações oral e escrita, e

ainda em seu raciocínio e expressão, que seriam destacados em relação a outros estudantes que não tenham tido a mesma formação.

Zilberman (1986) afirma que consequências positivas na vida escolar e pessoal do aluno são notadas quando a prática da leitura é consolidada - consequências essas referentes tanto ao domínio cognitivo, quanto às emoções e preferências adquiridas pelo indivíduo durante sua vida. Independente do gênero da leitura praticada, o aluno quando em contato com livros e histórias diversas, tem grandes possibilidades de desenvolver seus sentidos, sua subjetividade, de forma mais aguçada e em sintonia consigo mesmo e o mundo que o rodeia.

Sabemos que o acesso à leitura e à literatura atualmente é muito restrito à grande maioria da população e que, infelizmente, a preocupação de nossa sociedade em ensinar a aprender (a ler), ainda precisa de investimento e determinação a fim de transformar os nossos cidadãos em cidadãos leitores. E se pensarmos na concorrência desleal que a escola tem de enfrentar com os meios de comunicação de massa, nosso esforço e dedicação ao aprendizado da leitura deverão resultar numa rigorosa reflexão sobre os rumos que a educação vem tomando.

Neste sentido, Coelho (2004) chama-nos a atenção para um fenômeno que vem ocorrendo na educação e diz respeito à reordenação do mundo, à velocidade com que as informações nos são transmitidas, ao quanto e como estas informações são aproveitadas nas escolas e, por consequência, como os professores reagem diante deste movimento.

A autora reforça a ideia de que cada um de nós é responsável por promover a educação em meio a esta nova ordem do mundo, mediante a nossa conscientização e atuação no meio em que as circunstâncias da vida nos permitem viver.

Evidentemente o professor, hoje, deveria estar em constante processo de aprendizagem para acompanhar as mudanças de nossa sociedade. Buscando sempre aprender a ensinar, nossos mestres necessitam desenvolver uma atividade reflexiva constante sobre os conhecimentos aprendidos de modo que a educação não seja mera reprodução de conteúdos esvaziados de sentido aos alunos.

Silva (2004) diz:

A aprendizagem anterior e continuada do professor deve levá-lo a uma criticidade e coerência permanentes no momento de tomar decisões pedagógicas, no encaminhamento da educação dos jovens que ele tem pela frente e que lhe cabe situar na vida. Deve, inclusive, ajudá-lo a ver que, hoje em dia, a exposição seguida de memorização tem pouco a ver com as teorias relacionadas com a aprendizagem duradoura e significativa. Além disso, nesse mundo onde as mudanças são rápidas, as pessoas têm de aprender a aprender – e por vezes a desaprender para reaprender – a fim de acompanhar as rápidas transformações que ocorrem (SILVA, 2004, p.27).

Dessa forma, em meio ao imenso número de fontes e com o astronômico volume de informações a que temos acesso, torna-se necessário lermos ainda mais criticamente, na tentativa de filtrarmos o que realmente acrescentará na formação dos nossos alunos. Lajolo (1986) defende a idéia de que a leitura do texto seja ele qual for, não é pretexto para coisa alguma, principalmente quando inserido no espaço da escola; por isso, é essencial que o texto seja utilizado de forma consciente e que as práticas de leitura de alguma forma reconheçam a individualidade de cada aluno.

Assim, Lajolo (1986) pondera:

Entre as primeiras providências ao alcance do mestre, uma é assumir com os alunos, perante o texto, uma perspectiva que o viole o menos possível. Uma perspectiva que respeite sua natureza específica de texto, qual seja, o constituir ponto de encontro entre autor e leitor. E não é demais dizer que esta transitividade do texto não pode estar excluída da relação professor-texto. Nem por ser professor pode o mestre abandonar ou deformar sua posição de leitor (LAJOLO, 1986, p.53).

Este exercício propiciaria um maior incentivo aos estudantes, em sua jornada escolar, no âmbito do aprendizado da leitura, porém é preciso que o professor como leitor mais experiente desperte em seu aluno a paixão e o desejo pela leitura. Que o professor não abandone a leitura, pois, quanto melhor for a sua relação com as práticas de leitura, mais prazerosa poderá ser a sua aula; conseqüentemente, a sua compreensão do mundo será mais complexa e capaz de auxiliá-lo nas propostas de leitura a serem desenvolvidas.

Lajolo (1986) ainda enfatiza que:

Em resumo, se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas (LAJOLO, 1986, p.53).

Diante do exposto, surge a necessidade de alcançarmos um entendimento mais claro e consistente das práticas do professor-leitor. Problematizar os hábitos de leitura de um contingente de professores parece bastante atraente aos olhos de quem defende o ensino de qualidade, acima de tudo e mais pontualmente o incentivo à leitura.

## Capítulo 2: Quadro teórico

### 2.1. Concepção de leitura

Embora o conceito de leitura esteja mais intensamente ligado à decifração da escrita, o aprendizado da leitura, segundo Martins (1994), corresponde muito mais ao processo de formação global do indivíduo, permitindo que este desenvolva a capacitação necessária ao seu convívio social nas instâncias política, econômica e cultural.

Infelizmente, o que vemos no dia a dia de nossas escolas é uma educação mecânica denominada por Freire (1984) de 'educação bancária', na qual os professores fazem uso de práticas formalistas e mecânicas, e por consequência para os alunos, o aprendizado da leitura traduz-se em decoração de palavras.

Martins (1994) afirma:

Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o *porquê*, como e *para quê*, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade (MARTINS, 1994, P.23).

Essa mesma autora chama a atenção para o fato de que mesmo a metodologia de alfabetização sendo ou não a mais avançada, não é capaz de sozinha constituir leitores autônomos, uma vez que alfabetizado o sujeito lê apenas o que condiga ao seu interesse, ainda que suspeite da leitura como meio para conhecimento do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de 'ler pelos olhos de outrem' (MARTINS, 1994, p.23)

Ler com os próprios olhos é exercício de cidadania, é conhecer o mundo em que se vive. Através das leituras possíveis que cada um de nós pode fazer, mediante

experiências e motivações vivenciadas dentro e fora do ambiente escolar, somos capazes de questionar e modificar a nossa realidade.

A ideia de que a nossa cidadania se faz valer com a prática da leitura permeia as concepções sobre leitura defendidas pelo Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER)<sup>1</sup>, uma vez que este ressalta a importância dos sujeitos estarem aptos a participar de forma ativa da vida da sociedade na qual está inserido.

Em uma democracia, o exercício da cidadania depende de condições efetivas que permitam às pessoas reconhecer seus direitos e deveres, apreender o conteúdo das leis e contratos, refletir com relativa autonomia e capacidade crítica sobre informações que circulam nos meios de comunicação, e tomar posição em relação aos acontecimentos que afetam suas vidas (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2009, p.8).

Segundo FREIRE (1984), para que o sujeito alcance a compreensão do texto através de sua leitura crítica, é necessário que haja a percepção das relações entre o texto e o contexto. Assim, a leitura que não se traduz como processo passivo; ela exige do sujeito, que é leitor, descoberta e recriação do entrelaçamento texto-contexto.

Silva (1991) enfatiza a participação criadora do leitor, na medida em que o texto proporciona ao homem a ampliação de seu conhecimento da realidade, permitindo que o leitor vá para mais além e recrie referenciais de mundo, transformando-se num produtor de acontecimentos capaz de assegurar sua compreensão e consciência crítica.

Apesar de a leitura assumir este papel de prática sociocultural, que exige esforço e dedicação por parte do leitor, para Silva (1991) ela não pode ser desvinculada do prazer. Não deve haver separação entre trabalho e prazer.

---

<sup>1</sup> O PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura – é um projeto de valorização social da leitura e da escrita vinculado à Fundação Biblioteca Nacional e ao MINC – Ministério da Cultura.

Seguindo a linha de pensamento em que a leitura é considerada '*processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem*', Martins (1994) ainda sugere que o ato de ler refere-se tanto a algo que esteja escrito, quanto a outros tipos de expressões desenvolvidas pelo homem, como uma pintura ou uma música e até mesmo gestos e ações observadas por educandos em seu processo de aprendizagem.

Todos os tipos de expressões vivenciadas pelo educando em seu processo de aprendizagem, desde que significativos, tornam-se para o sujeito compreensivas e apreciáveis. Segundo Martins (1994) :

Frank Smith, psicolinguista norte-americano, estudando a leitura, mostra que gradativamente os pesquisadores da linguagem passam a considerá-la como um processo, no qual o leitor participa com uma aptidão que não depende basicamente de sua capacidade de decifrar sinais, mas sim de sua capacidade de dar sentido a eles, compreendê-los. (MARTINS, 1994, p. 32)

Assim, a decodificação de signos lingüísticos e o processo de compreensão dos significados contidos nos diversos tipos de expressão humana, principalmente na escrita, necessitam caminhar juntos, pois um leva a efetivação do outro. “Ambas são necessárias à leitura. Decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível. Há que se pensar a questão dialeticamente”. (MARTINS, 1994, p.32)

Enfim, a leitura não se configura como um ato simples de ser aprendido e nem de ser compreendido. Conjunto de práticas difusas, a leitura, para cada sujeito terá um significado diferente, segundo as experiências que vivenciar, os gestos que presenciar e os hábitos que internalizar mediante os estímulos ou (des)estímulos que receber ao longo de sua vida.

## 2.2 Tipologia de práticas de leitura

Entendendo por leitura um conjunto de práticas culturais, podemos compreender que cada leitura tem finalidades, motivos e ou objetivos diferentes. O leitor ao ler um texto o faz de forma que o mesmo o beneficie de alguma forma.

Geraldi (1984) concebe a leitura como um processo de interlocução entre leitor-autor, tendo como mediador o texto. Sendo assim, na leitura o diálogo do aluno é diretamente com o texto e para cada leitura realizada o texto assume uma postura diferente segundo o interesse do leitor.

A partir do diálogo que o sujeito leitor estabelece com os textos, na medida em que vai se apropriando de forma significativa do ato de ler, práticas de leitura são desenvolvidas e o leitor acaba por adquirir diferentes tipos de relações com o texto.

Geraldi (1984) explica que é durante o processo de aprendizado da leitura que o indivíduo estabelece a partir de suas experiências concretas como leitor, relações com o texto consideradas aqui pelo autor como, posturas que vão corresponder às aspirações do leitor diante de um texto ou outro.

Adotamos algumas posturas diante dos textos com os quais nos relacionamos, e Geraldi (1984) entende que estas posturas podem ser agrupadas em dois tipos de práticas de leitura.

De forma geral, podemos dividir as práticas de leitura em recreativa e informativa.

Na prática de leitura recreativa englobamos duas posturas:

*Fruição do texto:* Caracterizada pela gratuidade da leitura, quando o leitor se faz valer de leituras de textos literários ou de fontes que lhe forneçam informações. Pelo

prazer de se manter informado, o sujeito pratica a leitura de jornais, revistas, livros preferidos, etc.

*Texto como pretexto:* Quando o texto é utilizado como ponto de partida para a realização de uma outra atividade. Em geral atividades criativas que recriem a escrita antes estática, contribuindo para um movimento chamado por Geraldi (1984) de “dessacralização do texto”.

Dramatizar uma narrativa, transformar um poema em coro falado ou ainda ilustrar uma história são exemplos citados pelo autor e que ilustram alguns pretextos dos quais o leitor pode lançar mão.

E na prática de leitura informativa destaca-se:

*Busca de informação:* Esta postura tem como finalidade extrair do texto informações. O leitor que precise responder a questionários ou encontrar no texto as informações que nele estejam contidas, sem roteiro prévio, recorre a este tipo de interlocução com o texto.

*Estudo do texto:* Mais comum nas aulas de outras disciplinas do que na aula de língua portuguesa, encontra no texto, através de um roteiro específico, a tese defendida pelo autor, os argumentos a favor e os contra. Segundo Geraldi (1984), este tipo de interlocução pode ser aplicado tanto ao texto dissertativo quanto ao texto narrativo.

A delimitação de uma tipologia de práticas de leitura mostrou-se necessária para a condução da presente pesquisa à luz de procedimentos metodológicos, instrumentos de coleta de informações ou dados e técnicas de tratamento das informações ou dos dados , que aqui serão expostos a seguir.

### Capítulo 3: Procedimentos metodológicos

Em se tratando de uma pesquisa de base sociológica em educação, voltamos a uma investigação qualitativa 'como um termo genérico' (Biklen e Bogdan, 1994) capaz de agrupar estratégias de investigação específicas.

Segundo a teoria de Biklen e Bogdan, (1994), os dados coletados neste tipo de investigação são chamados de *qualitativos*, pois carregam consigo minúcias descritivas sobre pessoas, locais e conversas de complexo tratamento estatístico.

Sendo assim, as questões a serem investigadas terão como objetivo compreender os fenômenos em sua complexidade e dentro de seu contexto natural, ou seja, a investigação qualitativa, não conduz o indivíduo que a realiza, à objetivação de respostas prévias ou de testes de hipóteses.

Os indivíduos que sentindo-se inclinados a efetivação deste tipo de pesquisa “privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação” ( Biklen e Bogdan, 1994), sendo que as causas exteriores são consideradas de importância secundária e o recolhimento dos dados normalmente acontece em função de um contato aprofundado com os indivíduos inseridos em seus contextos ecológicos naturais.

Mediante as características da pesquisa qualitativa, para responder as questões elucidadas neste trabalho, será utilizado o espaço de uma escola municipal da cidade de Vinhedo, local onde exerço o cargo de inspetora de alunos, e no qual foram realizadas entrevistas com um contingente delimitado de professoras alfabetizadoras.

Desde que passei a integrar o quadro de funcionários da escola, sinto-me parte do contexto escolar, pois, todo o tempo relaciono-me com alunos e professores, o que me fez levantar algumas indagações.

Por isso, no momento em que professores e alunos, e as relações que estes estabelecem entre si, tornam-se objeto de observação para o investigador, assumem o papel de “atores” no contexto da pesquisa. Sendo assim, o convívio diário com estes atores obrigou o pesquisador a tomar certo distanciamento do que lhe é familiar.

Para Gusmão (2001), o distanciar e o estranhamento do que é conhecido e familiar para o pesquisador permite que, na relação de interlocução com o meio, torne-se possível desconstruir e reconstruir práticas encenadas, que, por exemplo, neste campo de pesquisa referenciam práticas de leitura.

Assim, em consonância ao desenvolvimento da pesquisa qualitativa a que me propus, e com a preocupação em desenvolver um trabalho que privilegiasse as interferências socioculturais a que estão sujeitos os atores, bem como o pesquisador, o *estudo de caso* revelou-se como a abordagem metodológica mais apropriada.

André e Ludke, 1986 discorrem sobre o estudo de caso como sendo o estudo de *um* caso, que encontra-se sempre bem delimitado com seus “contornos claramente definidos” (André e Ludke, 1986). E ainda que o caso seja similar a outros, será distinto justamente por compreender interesse próprio, singular.

Nisbet e Watt (1978), citados por André e Ludke (1986), caracterizam o desenvolvimento do estudo de caso em três fases: *exploratória, delimitação do estudo e análise e interpretação sistemática dos dados*.

Na fase *exploratória* confirma-se a característica principal do estudo de caso, na qual aspectos e imprevistos são vividos e considerados relevantes na situação

determinada, em detrimento de uma concepção que possua uma visão predeterminada da realidade a ser estudada.

Momento de esclarecer questões ou pontos críticos, André e Ludke (1986) enfatizam a necessidade de se fazer os contatos iniciais para a entrada em campo assim como a localização dos informantes e a identificação das fontes de dados que deverão ser utilizadas.

Considerando que para atingir os propósitos do estudo de caso e alcançar uma compreensão mais completa da situação estudada, André e Ludke (1986) afirmam que é a *delimitação do estudo*, ou seja, a determinação dos focos e dos contornos da investigação que permitem ao pesquisador dar início à coleta sistemática de informações com a ajuda dos instrumentos necessários e escolhidos com base nas características do objeto estudado.

Enfim, depois de ter passado um certo período de tempo no campo de pesquisa escolhido pelo investigador, o mesmo pode realizar uma *análise sistemática* dos dados coletados sendo possível inclusive demonstrar através do registro de observações ou com a transcrição de entrevistas, realizadas no decorrer da pesquisa, o que fora apreendido pelo pesquisador.

André e Ludke (1986), neste sentido, ressaltam que estas fases mais do que se completarem em uma simples sequência linear, elas se encontram em diversos momentos sugerindo um constante movimento no encontro teoria empiria.

### **3.1 Universo de pesquisa**

Esta pesquisa envolveu uma escola de ensino fundamental I, como universo para a coleta de dados. Meu atual local de trabalho, a Escola Municipal “Profª. Maria de Lourdes Von Zuben” está localizada no bairro Jd. Miriam do município de Vinhedo, interior do estado de São Paulo e atende à 632 alunos, distribuídos em 13 salas de aula de 1º à 5º ano.

Distante cerca de 2 (dois) km do centro da cidade, defronte ao Córrego Pinheirinho, a Unidade Escolar encontra-se na zona urbana do Município de Vinhedo, em uma região mista, próximo à residências, pequenas indústrias, e de comércio local bem desenvolvido.

A Unidade Escolar, pelo que consta em seu Projeto Político Pedagógico de 2010, teve sua inauguração no ano de 2006 e está inserida num contexto regional comum em alguns aspectos em relação às outras Unidades da Região Metropolitana de Campinas.

Por esse motivo, recebe alunos migrantes, principalmente dos Estados do Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Alagoas e Pernambuco, dentre outros estados, onde os pais enfrentam problemas de desemprego, e se veem obrigados a procurar melhores condições de vida.

A clientela em geral não passa por situação de miséria, mas muitas famílias apresentam grandes dificuldades financeiras e necessitam do apoio da Escola e da Comunidade. Cerca de 30 por cento dos alunos matriculados participam de programas do governo federal como: Bolsa Família e Bolsa Escola.

Alguns alunos pertencem a famílias que possuem graves problemas sócio-emocionais, e são assistidas pela Secretaria de Promoção Social, Secretaria de Saúde, Secretaria de Educação, Conselho Tutelar, Pastoral da Criança, Vicentinos, CEIVI e LARCAB. As duas últimas instituições são mantidas pela prefeitura, e responsáveis pelo cuidado e socialização destes alunos no horário contrário ao da aula, pois, a maioria destes alunos foi diagnosticada como portadores de deficiências.

O Projeto Político Pedagógico ainda ressalta a presença de famílias estruturadas, com papéis bem definidos, que auxiliam na formação social e moral do ser humano enquanto criança. Ressalta ainda o aumento considerável do número de alunos devido ao crescimento populacional da região, conhecida como Região dos Sete Bairros, onde a escola encontra-se inserida.

A Escola possui uma área de construção correspondente a 1718 m.<sup>2</sup>, e uma área livre de aproximadamente 3900 m.<sup>2</sup>, A estrutura do prédio escolar é de alvenaria e adequada ao atendimento das necessidades dos educandos. Não possui escadas nem rampas; é ampla e bem iluminada, facilitando o acesso das pessoas portadoras de deficiência.

Constam como recursos pedagógicos, 07 computadores, sendo 04 utilizados na área administrativa, 01 computador na sala de apoio, 01 computador na sala dos professores e 01 computador em sala de aula a fim de atender alunos com necessidades especiais. Conta com 04 impressoras, utilizadas na secretaria da escola, pela coordenação pedagógica, sala dos professores e 01 em sala de aula para impressão dos trabalhos realizados pelos alunos com necessidades especiais, 02 televisões de 29', 01 DVD, 03 duplicadores à álcool, materiais e jogos pedagógicos, 01 encadernadora, 01 máquina digital, 01 copiadora adquirida com recursos da

Associação de Pais e Mestres e 02 copiadoras locadas com recursos da Associação de Pais e Mestres.

Quanto ao acesso à Internet, 04 computadores estão conectados à rede e são utilizados pela direção e pelo pessoal da secretaria da escola.

#### *A biblioteca: um caso a parte*

Em dezembro de 2009, a sala onde funcionava a biblioteca da escola foi desativada porque com a adequação dos 1ºs anos na escola de ensino fundamental I, a demanda de alunos para 2010 aumentou e quatro novas salas tiveram de ser organizadas.

Assim, uma antiga sala de professores e a biblioteca foram utilizadas como sala de aula até que a construção das quatro salas ficasse pronta. O acervo da biblioteca ficou guardado numa sala de almoxarifado até maio deste ano, quando a prefeitura inaugurou a extensão da escola.

No recesso de julho, novidades! Vamos organizar a biblioteca novamente porém, ela já não pode ocupar o mesmo lugar de antes, pois a sala agora será uma sala de informática. Computadores e mobiliário para a montagem da sala de informática foram entregues pela prefeitura e colocados em um canto da sala. Mais um caso à parte vivido na escola, o ano está acabando e professores e alunos ainda não usufruíram dos recursos tecnológicos conquistados.

Ainda que a questão da efetiva utilização da sala de informática seja inquietadora, no momento focamo-nos em descrever a atual situação da biblioteca, intitulada como sala de leitura.

Enfim, no mesmo período do mês de julho, organizamos a sala de leitura, em proporções bem menores, na antiga sala dos professores. O acervo ainda é pequeno, pois a construção dá-se através de compra de alguns exemplares pela APM desta Unidade Escolar, doação de livros, enciclopédias, revistas para pesquisas e recortes.

Duas estantes de livros foram alocadas, cada uma em um canto da pequena sala, onde estão quatro enciclopédias para pesquisas, alguns volumes de revistas como Ciência Hoje para Crianças e livros de literatura.

A sala possui duas mesas com cinco cadeiras cada uma e alguns pufs e tapetes para as crianças se acomodarem, muito embora elas não tenham incluído em sua rotina diária um horário para utilização da biblioteca.

O panorama observado na E. M. “Prof. Maria de Lourdes Von Zuben” no que toca a biblioteca e a sua utilização pelos professores e alunos, acreditamos ser reflexo de um projeto de leitura desenvolvido no início do ano.

Este projeto de leitura realizou a compra de malas de livros, para cada série, ou seja, livros adequados para cada faixa etária foram colocados em malas de viagens com rodinhas e estas ficam disponíveis na biblioteca. Os professores, conforme a sua rotina, fazem o empréstimo da mala correspondente a sua série e levam-na para as suas salas de aula para trabalhar a leitura como bem entender.

### **3.2 O corpo docente**

Atualmente o quadro de professores conta com 29 profissionais sendo que 20 deles são polivalentes, responsáveis pelas classes de 1º ao 5º ano (PB I), e os outros 9

como professores especialistas ministram aulas de Inglês, Educação Física e Artes (PB II).

Grande parte dos professores vem de Vinhedo e Valinhos para lecionar, mas alguns se deslocam também das cidades de Campinas e Jundiaí.

Quanto à formação deste grupo de docentes, observa-se que a totalidade dos professores polivalentes é formada em pedagogia, sendo que uma pequena parcela, antes se formou no magistério (3 professoras). Duas das professoras têm uma segunda formação, sendo que uma delas se formou em Letras e a outra em Psicologia.

E ainda, 5 das 20 educadoras de 1º ao 5º ano têm pós-graduação, e 1 tem especialização.

Com relação à formação dos professores de PB II, apenas uma professora tem duas formações, sendo formada em Artes e em Pedagogia. A maioria dos professores tem apenas uma formação.

Muito embora a escola tenha sido inaugurada há pouco tempo, em 2006, nos surpreendemos com o tempo que algumas professoras já trabalharam juntas na rede municipal de Vinhedo.

Acontece que, quando a Unidade Escolar em questão fora inaugurada, um grupo de professoras polivalentes que já vinham trabalhando juntas a bastante tempo, foi removido todo para a E. M. “Prof. Maria de Lourdes Von Zuben”, e hoje algumas destas professoras desenvolvem seus trabalhos na mesma prefeitura, há quase 18 anos.

A Unidade Escolar tem a responsabilidade de atender uma clientela que no geral é bastante carente, e que algumas vezes dependem da ajuda dos programas do governo para que as crianças tenham acesso à escola.

O corpo docente qualificado, no geral é unido e trabalha junto sempre que possível, principalmente as professoras das séries iniciais.

### **3.3 Os entrevistados**

Considerando a importância do ensino da leitura nas séries iniciais do ensino fundamental I, e a fundamental participação do professor alfabetizador neste processo de ensino, durante a pesquisa foram selecionadas 9 professoras, (4 professoras de 1º ano e 5 de 2º ano) para a realização de entrevistas, que nos fornecessem dados para posterior análise sobre a relação existente entre as práticas de leitura do professor e sua docência.

Com os objetivos da entrevista delineados, as perguntas foram então elaboradas.

**Objetivo 1 : Caracterizar as práticas de leitura das professoras de séries iniciais.**

*Você lê?*

*Quais tipos de leitura você costuma fazer?*

*Por que as faz?*

*Quanto tempo dedica à leitura?*

**Objetivo 2: Identificar as práticas de leitura que mais diretamente colaboram para a docência, no que toca o ensino da leitura.**

*Lê para preparar suas aulas? Se sim, o que lê?*

*Incentiva seus alunos à ler? Se sim, como o faz?*

*Que leituras faz para seus alunos?*

As professoras entrevistadas responderam às mesmas perguntas, sendo que suas respostas foram gravadas e posteriormente transcritas, para efeito de análise.

### **3.4 Coleta de informações**

Uma vez delimitado um roteiro de perguntas para a realização das entrevistas, pude finalmente ir à campo colher as informações de que necessitava para dar prosseguimento à pesquisa.

Mas antes de organizar as informações coletadas e analisar os dados, faz-se importante uma breve narrativa de como se desencadeou o processo de coleta das informações na Escola Municipal “Profa. Maria de Lourdes Von Zuben”.

A aceitação da diretora da escola e das professoras em relação à minha necessidade de pesquisa foi muito positiva. Foi autorizado que eu realizasse as entrevistas, a diretora mostrou-se solícita em ajudar no que fosse preciso, e as professoras colocaram-se à minha disposição.

Por conta da dificuldade de encontrar as docentes na entrada e saída de alunos, as entrevistas tiveram de ser realizadas no intervalo de uma aula vaga e outra. E felizmente meu trabalho como inspetora de alunos e o conhecimento da dinâmica das

aulas foram decisivos para saber a hora certa de abordar as professoras, ainda que tivéssemos combinado previamente um momento para a conversa.

Logo no início das entrevistas, fui surpreendida pela insegurança e a timidez expressas por algumas professoras diante do gravador utilizado para colher as falas. Mesmo explicando que a identidade delas não seria revelada, e que posteriormente cada uma delas seria identificada por um número, pude sentir que as docentes ainda continuavam retraídas e até incomodadas em algumas situações, o que as levaram contribuir com respostas concisas. “Ai..eu falo muito, mas quando tenho que falar para gravar ou filmar eu travo”! (declaração da professora nº 9).

Interessante observar que neste grupo pesquisado também houve algumas professoras que não encontraram obstáculos diante do gravador. Estas ficaram tranqüilas e desenvolveram com desenvoltura as suas respostas.

Portanto, foi dentro desta atmosfera mista de sentimentos em relação ao instrumento de coleta de informações que as entrevistas foram realizadas - estas se orientaram por um questionário estruturado, e todas as entrevistadas responderam às mesmas questões.

## **Capítulo 4: Organização e análise dos dados**

Trabalhando sob uma ótica de leitura que se configura como meio de transformação para o indivíduo, considerou-se que as práticas significativas de leitura são capazes de possibilitar que o sujeito pense sobre sua realidade, ampliando dessa forma seus entendimentos em relação ao mundo e a sociedade em que está inserido. O indivíduo, dentro desta ótica, tem a oportunidade de agir como ser social e consciente de seus direitos e deveres como cidadão.

Considerando que o ato de ler é um processo complexo - que abrange perspectivas sociais e afetivas, com as quais o indivíduo convive diariamente – e que a relação do professor alfabetizador com a leitura, assim como o ensino das práticas de leitura que este promove, são fundamentais para a formação escolar do aluno das séries iniciais, alguns questionamentos foram elencados:

**Quais são as práticas sociais ligadas à leitura, em que os professores deixam-se envolver?**

**E como tais práticas podem contribuir para o ensino significativo e prazeroso da leitura, que o professor leitor pode vir à promover?**

Assim, refletindo a educação com um todo e buscando alcançar algum entendimento sobre a importância do ato de ler e o modo como um nicho específico de professoras alfabetizadoras lida com a leitura na escola, posturas e práticas dessas docentes foram problematizadas, mediante objetivos previamente definidos que desencadearam a sequência de questões respondidas.

**Objetivo 1 : Caracterizar as práticas de leitura das professoras de séries iniciais.**

*Questão 1: Você lê?*

Leio. (entrevistada nº 1)

Sim. (entrevistada nº 2)

Muito. (entrevistada nº 3)

Leio. (entrevistada nº 4)

Leio. (entrevistada nº 5)

Eu leio muito. (entrevistada nº 6)

Diariamente. (entrevistada nº 7)

Ultimamente, pra mim tenho lido bem pouco. (entrevistada nº 8)

Leio. (entrevistada nº 9)

Observa-se pelas respostas das professoras que a maioria lê, sendo que três delas deram ênfase à resposta e afirmaram ler muito ou diariamente, e apenas uma delas afirmou ler pouco.

Quando apenas uma professora declara ler pouco, surge a dúvida sobre as respostas das demais professoras. Será que as respostas condizem verdadeiramente com a realidade?

Questiono porque observo o volume de tarefas e responsabilidades que as docentes assumem todos os dias, por isso não imagino que as entrevistadas tenham muito tempo para desfrutar da prática da leitura.

*Questão 2: Quais tipos de leitura você costuma fazer?*

Livros, livros pedagógicos e revistas. (entrevistada nº 1)

Revistas e jornais. (entrevistada nº 2)

Oh, eu gosto de ficção, e gosto de poesia, aliás, tenho uma coletânea de livros de poesia um mais lindo que o outro, tá as ordens se você quiser. E gosto também de ler artigos sobre educação que eu era obrigada a ler na época da faculdade da pós-graduação, por força de trabalho, seminários, e tal. Eu gosto de pegar lá na minha estante e reler por prazer pra descobrir o que antes eu não consegui. Adoro ler livros infantis também, já li todos os livros da nossa biblioteca de sala. (entrevistada nº 3)

Leituras diversas depende da época que eu to vivendo no momento, livro de romance, às vezes livros de aventura, sobre filhos. (entrevistada nº 4)

Revistas, jornais, livros didáticos, a revista Nova Escola, artigos sobre educação. (entrevistada nº 5)

Eu gosto muito de ler biografias, jornal, textos informativos pra ficar sabendo das coisas. (entrevistada nº 6)

Ultimamente minha leitura é mais voltada “pra”... tudo relacionada à educação infantil. (entrevistada nº 7)

Jornal, depende assim...eu gosto muito de ler romance mas eu to sem tempo. Ultimamente eu não tenho pegado um livro na mão, é mais assim, se um texto cai na mão ai a gente lê aquilo no momento. (entrevistada nº 8)

Textos diversificados, de revistas das atualidades, jornais no final de semana. (entrevistada nº 9)

Retomando a ideia de que a leitura é um conjunto de práticas culturais, e que por isso carrega consigo finalidades, motivos e ou objetivos diferentes, lembramos o pensamento de Geraldini (1984), em que explica a leitura como um processo de interlocução entre leitor e autor tendo como mediador o texto.

Enquanto leitoras, a maioria das professoras citou textos que as deixem informadas, e que as auxiliem em seu trabalho, inclusive uma delas relatou que lê livros pedagógicos. Já três delas confessaram fazer leitura de textos literários como ficção, romance, poesia, literatura infantil.

### *Questão 3: Por que as faz?*

Para me informar e me distrair. (entrevistada nº1)

Pra me manter atualizada. (entrevistada nº 2)

Primeiro que eu sou viciada em ler realmente, né. Cada dia que eu vou “pro” shopping eu trago livro, cada dia que eu vou no supermercado naquelas galerias de lançamentos eu trago um livro. Tem uma livraria em Valinhos, ali no centro perto da matriz, as meninas quando recebem aqueles livros, que elas já conhecem o meu estilo, elas ligam pra avisar, ai eu passo lá. Eu leio porque eu me perco na leitura, eu adoro, viajo, eu acho que é uma coisa assim fantástica e assim eu fico “de cara” quando tenho que interromper uma leitura, e eu tenho um hábito de ir lá trás no livro, eu quero ver primeiro o final ai eu vou ler o livro com tranquilidade. (entrevistada nº 3)

Sempre pra satisfazer alguma necessidade que eu tenho, sempre em busca de alguma coisa, então no momento eu to lendo mais livros sobre criança, sobre o desenvolvimento infantil, e na época da faculdade eu lia bastante as coisas da faculdade. (entrevistada nº 4)

Pra me atualizar, pra que eu fique informada do que está acontecendo no mundo e também dentro da educação. (entrevistada nº 5)

Porque eu gosto bastante, eu gosto de ler. (entrevistada nº 6)

Por causa do meu trabalho, eu preciso ler muito pra conseguir entender um pouco do desenvolvimento das minhas crianças. (entrevistada nº 7)

Leio primeiro porque eu gosto, segundo porque as vezes dependendo do texto que chega pra mim é por causa da pós-graduação ou pra alguma atividade de sala de aula. (entrevistada nº 8)

Pra me manter sempre atualizada. (entrevistada nº 9)

Verifica-se nas justificativas para as leituras de quase todas as professoras que elas leem para manter-se informada/atualizada. Fazem estas leituras por prazer, e para se distrair, “Eu leio porque eu me perco na leitura, eu adoro, viaja, eu acho que é uma coisa assim fantástica...” (entrevistada nº 3).

#### *Questão 4: Quanto tempo dedica à leitura?*

3 horas semanais. (entrevistada nº 1)

Olha, são algumas horas durante o domingo, pouca coisa, no máximo umas 3 horas. (entrevistada nº 2)

Todo final de semana, sábado à tarde e como tenho que cumprir um horário na outra escola onde “dou” aula, de 1 hora, eu sempre to lendo. Só não pego uma leitura pra fazer quando tenho por exemplo relatório dos alunos pra fazer, ou corrigir prova. (entrevistada nº 3)

Atualmente eu tenho dedicado pouquíssimo tempo, mas antigamente eu lia muito mais. (entrevistada nº 4)

Tento ler sempre nas horas de lazer e no trabalho quando tem um horário livre, no intervalo da aula. (entrevistada nº 5)

Toda noite antes de dormir, até me dar sono. (entrevistada nº 6)

Em média 2 horas por dia. (entrevistada nº 7)

Em casa, menos de 1 hora por dia + ou - . (entrevistada nº 8)

Difícil falar, porque a gente está lendo constantemente ou é um livro de escola ou um material que precisa preparar, né, então é difícil responder qual o tempo exato. (entrevistada nº 9)

Quando tiveram que quantificar o quanto de tempo reservam para a leitura, apenas a entrevistada n<sup>o</sup> 9 não pode quantificar, porque no seu caso, as leituras acontecem de forma aleatória, quando necessárias.

Entretanto, em todas as outras respostas houve a preocupação de indicar quantas horas ou em que horário a leitura está em evidencia na vida das professoras. Além de uma queixa de falta de tempo para a leitura.

Então, após coletar as informações necessárias para a caracterização das práticas individuais das professoras, seguimos com as entrevistas, agora visando alcançar o segundo objetivo assim explicitado:

**Objetivo 2: Identificar as práticas de leitura que mais diretamente colaboram para a docência, no que toca o ensino da leitura.**

*Questão 5: Lê para preparar suas aulas? Se sim, o que lê?*

Leio normalmente livros pedagógicos, livros que vou ler para as crianças. (entrevistada n<sup>o</sup> 1)

Não. (entrevistada n<sup>o</sup> 2)

Eu leio antes o que eu preciso, leio bem pra saber o que vai interessar “pros” alunos ou não e procuro sempre uma coisa que esteja integrada com o que eu to trabalhando em história, geografia...é sempre assim. (entrevistada n<sup>o</sup> 3)

Leio pra preparar minhas aulas. Procuro atividades, procuro desafios, em livros didáticos e paradidáticos depende muito do que eu “to” trabalhando em sala no momento.(entrevistada n<sup>o</sup> 4)

Leio artigos da internet, revistas, livros didáticos. (entrevistada n<sup>o</sup> 5)

Eu leio pra preparar minha aulas. Primeiro eu leio a ata, né, pra ver o que preciso, o conteúdo mínimo e de acordo com o perfil da sala eu vou montando

as aulas. E leio o tamanho do texto, o tipo do texto pra saber se é fácil ou não pra passar pra eles também. (entrevistada nº 6)

Bastante! É, na parte de didática eu leio muito sobre alfabetização, avaliação, me fugiu o termo, “perai”... é, são as duas coisas que ultimamente eu mais tenho lido. Luiz Carlos de Freitas, Telma Welz, é a leitura que está embasando o trabalho em sala. (entrevistada nº 7)

Sim. Depende do tema da aula, vai depender do projeto...por exemplo, eu “tava” trabalhando um projeto da ANVISA, então eu lia muita coisa sobre saúde, sobre remédios, bulas, então depende do projeto de aula. (entrevistada nº 8)

Sim, leio. Eu preparo e procuro sempre encontrar procurar textos relacionados ao que eu vou trabalhar então é uma busca constante então depende do tema que eu vou trabalhar com as crianças durante a semana, então eu procuro tudo que esteja envolvendo o tema. E através de livros eu também encontro o que procuro. (entrevistada nº 9)

Com exceção da entrevistada nº 2 que relatou não ler para preparar suas aulas, todas as outras disseram recorrer a livros didáticos, artigos da internet, revistas, desafios, etc., que correspondam aos conteúdos estudados e de interesse dos alunos.

Relacionando as respostas das professoras, pergunto-me se de fato esta busca por material para a elaboração das aulas é feita como relatado, pois na questão anterior sobre o tempo dedicado à leitura, apenas uma resposta diz respeito à destinação de um tempo específico para a leitura de materiais que sejam aproveitados em suas aulas.

*Questão nº 6: Incentiva seus alunos a ler? Se sim, como o faz?*

Sim eu incentivo a leitura com o horário da leitura em sala, e com a leitura diária que faço para os alunos. (entrevistada nº 1)

Sim, fazemos leituras diárias dentro da classe. (entrevistada nº 2)

Muito! Primeiro que os livros estão sempre a disposição e expostos na sala, nunca ficam escondidos, e eu nunca reservo pra leitura um horário que sobre no final do dia, a leitura faz parte da nossa rotina. Eu entendo que as crianças pensam que se a leitura for feita só “pra tapar buraco”, é porque ela não é importante. Dou espaço para eles apresentarem, todo dia tem alguém que se prontifica a contar o que leu, eles ficam à vontade, sobem na cadeira e apresentam. E eu leio junto, eu nunca fico na aula de leitura fazendo outra coisa, eu sempre sento no fundo da sala e leio. (entrevistada nº 3)

Bastante. A gente trabalha o momento da leitura, as vezes eles trazem de casa livros diferentes que eles tem, ai a gente faz uma leitura compartilhada, eu incentivo que eles leiam para os outros porque na verdade uma das funções da leitura é essa., ler para o outro e ler pra si mesmo. Dai, eu incentivo muito como eu vou dizer, Ah! Outra coisa que é importante é a qualidade da leitura porque é uma coisa que a gente trabalha bastante, quando eu “to” lendo para alguém o outro tem que entender aquilo que eu “to” lendo. (entrevistada nº 4)

Incentivo através de livros diferenciados na sala de aula, que mais chamam a atenção das crianças. Então tem que trazer coisas diferentes, por exemplo revistas, elas gostam da revista recreio, então tem uma caixa destas revistas na minha sala. (entrevistada nº 5)

Sim, bastante, eu leio bastante pra eles, principalmente livros paradidáticos. (entrevistada nº 6)

Diariamente! Inclusive, alguns alunos trazem livros de casa e dependendo do livro, do conteúdo destes livros, eu até permito que eles venham na frente da sala para socializar essa leitura. Ler “pros” amigos é importante porque incentiva os outros a fazerem o mesmo, e quando não tem um aluno que faça, eu mesmo seleciono algum livro adequado pra faixa etária deles e faço a leitura. (entrevistada nº 7)

Sim. Primeiro lendo pra eles todos os dias, tem o dia da leitura e deixo os livros à disposição pra eles, quando os alunos que acabam a atividade querem ler, podem ir e pegar um livro. (entrevistada nº 8)

Incentivo bastante, nós temos na sala o cantinho da leitura, eu leio muito pra eles então a gente lê o tempo todo na sala, a atividade que eu “to” explicando, os cartazes da sala, os próprios crachás, então nós estamos sempre lendo alguma coisa. (entrevistada nº 9)

Observa-se unanimidade nas respostas das professoras sobre o incentivo à leitura, todas apontaram que em suas aulas existe um espaço reservado para a leitura de livros. Sendo que em alguns casos os alunos ainda têm a oportunidade de socializar

a leitura que fizera em sala, ou ainda a leitura de um livro que tenha trazido de casa, para apresentar aos seus colegas.

*Questão nº 7: Que leituras faz para seus alunos?*

De livros infantis e textos de diversos gêneros. Leio livros de Poup-Up para incentivar que eles leiam também, por causa das figuras que chamam a atenção e despertam o interesse das crianças. Leio contos de fadas, fábulas e informativos também. (entrevistada nº 1)

Sempre de livros condizentes com a idade deles. (entrevistada nº 2)

Eu leio sempre os livros que eu gosto, pra incentivar eu leio uns dois ou três livros e mostro pra eles dizendo o que eu mais gostei nos livros, ou o que eu não gostei, ai mostrando o que eu mais gostei pergunto se eles querem que eu leia, e eles dizem: Queremos. As vezes eu leio só por ler, e faço a leitura compartilhada, as vezes a partir da leitura eu peço alguma coisa e assim vai. (entrevistada nº 3)

Leio, leio sim. Livros que estão na biblioteca, livros que a gente tem na escola, que eles trazem de casa. (entrevistada nº 4)

Diversos tipos e gêneros e o tipo de leitura que mais costumamos fazer é a leitura compartilhada e dentro desta leitura, apresento diversos tipos de textos. (entrevistada nº 5)

Eu leio só coisas específicas para a idade dos meus alunos, livros de literatura infantil, por causa da linguagem que é fácil, que eles entendem. Leio livros didáticos que ensinam alguma coisa, não só “historinhas”. Tanto que neste último bimestre nós estudamos fábulas que tem uma moral e ensinam, e também paradidáticos sobre animais. Tem muitos paradidáticos sobre animais que “dá” pra ensinar alguma coisa, eles acham que é “historinha” ai os alunos acabam aprendendo se divertindo. (entrevistada nº 6)

Leio muita poesia, fábulas, contos de fadas, a gente não tem só lido, mas também debatido bastante e conversado sobre as histórias. Neste semestre a leitura “pra” eles tem sido direcionada “pra” contos de fadas, poesia fábulas. (entrevistada nº 7)

Contos de fadas, assombração, poesias, diversos textos jornalísticos, científicos. Varia bastante. (entrevistada nº 8)

São leituras diversificadas, tem os livros paradidáticos de histórias que eu conto todos os dias, tem o texto de acordo com o tema que eu estou trabalhando, então eu sempre procuro algo, em poesias, e em textos variados. (entrevistada nº 9)

Podemos constatar que leituras diárias são feitas pelas professoras entrevistadas. Diversos gêneros são abordados, embora as fábulas e os contos de fadas liderem como os gêneros mais utilizados, talvez por possuírem no final uma lição de moral ou algum ensinamento.

Contudo, reconhecendo a importância do aprendizado da leitura nas séries iniciais, cabe ressaltar o quanto o olhar do professor alfabetizador necessita ser consciente e seguro no sentido de proporcionar aos alunos, experiências concretas e significativas com a leitura, para que esta prática seja prazerosa e não uma simples obrigação.

## **Considerações finais**

A educação revela-se como ato fundamentalmente político segundo Freire (1989) e, partindo deste pressuposto, conseguimos problematizar a relação da sociedade com a educação de forma geral e, num âmbito mais específico, o ensino da leitura na escola.

Considerando que o processo de ensinar e aprender possui intencionalidades que dizem respeito aos interesses de cada ser ou instituição responsável pela educação, recordamos a ideia de que cada sociedade desenvolve um tipo de educação próprio, visando a organização e a regulação social, essencial a manutenção de seu modelo político-econômico.

Entendemos, mediante as teorias estudadas, que a educação detentora deste poder social de regulamentação deveria ir ao encontro de práticas que propiciassem um ensino voltado à conscientização e libertação do indivíduo enquanto cidadão.

O ensino da leitura seria uma forma de promover esta conscientização e libertação do sujeito aluno, pois, apesar de o conceito de leitura estar ligado à decifração da escrita, o aprendizado da leitura, para Martins (1994), caracteriza-se como um processo global do indivíduo, que possibilita a ele desenvolver capacidades essenciais ao seu convívio social, político, econômico e cultural.

Voltada para esta perspectiva do ensino da leitura, uma das bandeiras levantadas neste trabalho foi a da leitura crítica em benefício de um aprendizado significativo para o exercício da cidadania. A possibilidade de se ler com os próprios olhos é conhecer o mundo a sua volta e poder, através de experiências e motivações relacionadas à leitura, ser capaz de questionar e a modificar a realidade.

Ressaltamos durante toda a pesquisa a importância que o professor alfabetizador assume, como sujeito leitor e mediador da aprendizagem da leitura nas séries iniciais, portanto se faz necessário recordarmos as questões iniciais: Quais são as práticas sociais ligadas à leitura, em que os professores deixam-se envolver? E como tais práticas podem contribuir para o ensino significativo e prazeroso da leitura, que o professor leitor pode vir a promover?

Com base na concepção de investigação qualitativa descrita anteriormente, o estudo de caso correspondeu à abordagem metodológica mais apropriada para a efetivação da pesquisa. E sendo assim, foi utilizado como instrumento de coleta de informações a entrevista, com roteiro estruturado.

Após todas as entrevistas terem sido gravadas e transcritas, iniciei a análise das informações contidas nas falas das 9 professoras alfabetizadoras das séries iniciais.

Questionadas a respeito de suas práticas individuais de leitura, todas as entrevistadas afirmaram ler, algumas para ficar informadas e por força de seu trabalho docente e outras para se distrair e por prazer, leem livros de literatura de vários gêneros.

Utilizei neste sentido a tipologia de práticas de leitura descrita no quadro teórico deste trabalho, e defendida por João Wanderley Geraldi (1984) para comparar e encontrar semelhanças entre as respostas coletadas.

Neste momento não pude deixar de relacionar as respostas, e de me perguntar o quanto as informações coletadas condizem com a realidade cotidiana das professoras. Verifiquei que apesar de elas relatarem que leem e algumas ainda que gostam muito de ler, no instante em que são questionadas sobre a quantidade de tempo que elas dedicam a leitura, quase que a totalidade das entrevistadas dizem reservar pouco

tempo para a leitura e apenas uma delas reclama a falta de tempo.

Como a leitura é um processo muito valorizado, e principalmente no meio escolar, é comum a afirmação de que se lê e se gosta muito de ler, mas no caso estudado a realidade revela-se duvidosa.

E num segundo momento, buscando identificar as práticas de leitura que mais colaboram diretamente para a docência, no âmbito do ensino da leitura, a maioria das professoras relatou ler para preparar suas aulas, muito embora, segundo a interpretação que fiz das respostas, as docentes não reservem um tempo específico para tal atividade.

E a atividade que as professoras dizem utilizar para o incentivo da leitura em sala é o momento da leitura, com leituras diversas realizadas por elas e ou pelos alunos.

Considerei que as respostas para as perguntas da entrevista não me forneceram de forma aprofundada elementos que me permitissem avaliar mais densamente a atividade docente das professoras alfabetizadoras. As respostas muitas vezes apresentaram-se curtas e lacônicas, o que julgo nesta análise, decorrência do modelo de entrevista estruturado adotado nesta pesquisa.

Contudo, reafirmando a importância do ensino significativo da leitura por parte de professores alfabetizadores, e observando os dados que pude levantar, ao final da análise desta pesquisa, acredito que as perguntas e objetivos elencados durante o trabalho acabaram gerando outros pontos de interrogação, como:

Que caminhos pedagógicos os professores seguiriam a fim de promover um ensino crítico da leitura?

Como os professores alfabetizadores fariam das práticas de leitura meio de transformação social efetivo?

## Referências bibliográficas

ADLER, M. J. DOREN, C. Van. A arte de ler. Rio de Janeiro. Agir, 1974.

ANDRÉ, Marli; LUDKE, Menga. Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude (co-autor). A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino de ensino. Rio de Janeiro. F. Alves, 1975.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo. Autores Associados: Cortez, 1998.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto In Leitura em crise na escola: As alternativas do professor. Organizador (a) Zilberman Regina. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1986.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo. Editora Ática, 1993.

MARTINS, M. H. O que é leitura? 19 ed. São Paulo. Brasiliense, 1994.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura em curso – trilogia pedagógica. Campinas. Autores Associados, 2003. (Coleção Linguagens e sociedade)

\_\_\_\_\_. De olhos abertos: Reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo. Editora Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. Leitura na escola e na biblioteca. 3 ed. Campinas. Papyrus, 1991.

SOUZA, Renata Junqueira de. Caminhos para a formação do leitor. São Paulo. DCL, 2004.

SMOLKA, Ana Luiza B. Leitura e desenvolvimento da linguagem. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1989.

**Anexo I:**  
**Transcrição das entrevistas das professoras**

**Professora 1**

**Você lê?**

“Leio.”

**Quais tipos de leitura você costuma fazer?**

“Livros, livros pedagógicos e revistas.”

**Por que as faz?**

“Para me informar e me distrair.”

**Quanto tempo dedica à leitura?**

“3 horas semanais.”

**Lê para preparar suas aulas? O que você lê?**

“Leio normalmente livros pedagógicos, livros que vou ler para as crianças.”

**Incentiva seus alunos à ler? Como o faz?**

“Sim eu incentivo a leitura com o horário da leitura em sala, e com a leitura diária que faço para os alunos.”

**Que leituras faz para seus alunos?**

“De livros infantis e textos de diversos gêneros. Leio livros de Poup-Up para incentivar que eles leiam também, por causa das figuras que chamam a atenção e despertam o interesse das crianças. Leio contos de fadas, fábulas e informativos também.”

## **Professora 2**

### **Você lê?**

“Sim.”

### **Quais tipos de leitura você costuma fazer?**

“Revistas e jornais.”

### **Por que as faz?**

“Pra me manter atualizada.”

### **Quanto tempo dedica à leitura?**

“Olha Drielle, são algumas horas durante o domingo, pouca coisa, no máximo umas 3 horas.”

### **Lê para preparar suas aulas? O que você lê?**

“Não.”

### **Incentiva seus alunos à ler? Como o faz?**

“Sim, fazemos leituras diárias dentro da classe.”

### **Que leituras faz para seus alunos?**

“Sempre de livros condizentes com a idade deles.”

### **Professora 3**

#### **Você lê?**

“Muito.”

#### **Quais tipos de leitura você costuma fazer?**

“Oh, eu gosto de ficção, e gosto de poesia, aliás tenho uma coletânea de livros de poesia um mais lindo que o outro, tá as ordens se você quiser. E gosto também de ler artigos sobre educação que eu era obrigada a ler na época da faculdade da pós graduação, por força de trabalho, seminários, e tal. Eu gosto de pegar lá na minha estante e reler por prazer pra descobrir o que antes eu não consegui. Adoro ler livros infantis também, já li todos os livros da nossa biblioteca de sala.”

#### **Por que as faz?**

“Primeiro que eu sou viciada em ler realmente, né. Cada dia que eu vou “pro” shopping eu trago livro, cada dia que eu vou no supermercado naquelas galerias de lançamentos eu trago um livro. Tem uma livraria em Valinhos, ali no centro perto da matriz, as meninas quando recebem aqueles livros, que elas já conhecem o meu estilo, elas ligam pra avisar, ai eu passo lá. Eu leio porque eu me perco na leitura, eu adoro, viaja eu acho que é uma coisa assim fantástica e assim eu fico “de cara” quando tenho que interromper uma leitura, e eu tenho um hábito de ir lá trás no livro, eu quero ver primeiro o final ai eu vou ler o livro com tranqüilidade.”

#### **Quanto tempo dedica à leitura?**

“Todo final de semana, sábado à tarde e eu tenho que cumprir um horário na escola de Valinhos, de 1 hora, que eu sempre to lendo. Só não pego uma leitura pra fazer quando tenho por exemplo relatório dos alunos pra fazer, ou corrigir prova.”

#### **Lê para preparar suas aulas? O que você lê?**

“Eu leio antes o que eu preciso, leio bem pra saber o que vai interessar “pros” alunos ou não e procuro sempre uma coisa que esteja integrada com o que eu to trabalhando em história, geografia...sempre assim.”

### **Incentiva seus alunos à ler? Como o faz?**

“Muito! Primeiro que os livros estão sempre a disposição e expostos na sala, nunca ficam escondidos, e eu nunca reservo pra leitura um horário que sobre no final do dia, a leitura faz parte da nossa rotina. Eu entendo que as crianças pensam que se a leitura for feita só “pra tapar buraco”, é porque ela não é importante. Dou espaço para eles apresentarem, todo dia tem alguém que se prontifica a contar o que leu, eles ficam à vontade, sobe na cadeira e apresenta. E eu leio junto, eu nunca fico na aula de leitura fazendo outra coisa, eu sempre sento no fundo da sala e leio.”

### **Que leituras faz para seus alunos?**

“Eu leio sempre os livros que eu gosto, pra incentivar eu leio uns dois ou três livros e mostro pra eles dizendo o que eu mais gostei dos livros, ou o que eu não gostei, ai o que eu mais gostei eu pergunto se eles querem que eu leia, e eles dizem: Queremos. As vezes eu leio só por ler, ai eu faço a leitura compartilhada, as vezes a partir da leitura eu peço alguma coisa e assim vai.”

## **Professora 4**

### **Você lê?**

“Leio.”

### **Quais tipos de leitura você costuma fazer?**

“Leitura diversas, depende da época que eu to vivendo no momento, livro de romance, as vezes livros de aventura, sobre filhos...rsrsrs.”

### **Por que as faz?**

“Sempre pra satisfazer alguma necessidade que eu tenho, sempre em busca de alguma coisa, então no momento eu to lendo mais livros sobre criança, sobre o desenvolvimento infantil, e na época da faculdade eu lia bastante as coisas da faculdade.”

### **Quanto tempo dedica à leitura?**

“Atualmente eu tenho dedicado pouquíssimo tempo, mas antigamente eu lia muito mais.”

### **Lê para preparar suas aulas? O que você lê?**

“Leio pra preparar minhas aulas. Procuo atividades, procuro desafios, em livros didáticos e paradidáticos depende muito do que eu “to” trabalhando em sala no momento.”

### **Incentiva seus alunos à ler? Como o faz?**

“Bastante. A gente trabalha o momento da leitura, as vezes eles trazem de casa livros diferentes que eles tem, ai a gente faz uma leitura compartilhada, eu incentivo que eles leiam para os outros porque na verdade uma das funções da leitura é essa., ler para o outro e ler pra si mesmo.”

“Dai, eu incentivo muito como eu vou dizer, Ah! Outra coisa que é importante é a qualidade da leitura porque é uma coisa que a gente trabalha bastante, quando eu “to” lendo para alguém o outro tem que entender aquilo que eu “to” lendo.”

**Que leituras faz para seus alunos?**

“Leio, leio sim. Livros que estão na biblioteca, livros que a gente tem na escola, que eles trazem de casa.”

## **Professora 5**

### **Você lê?**

“Leio.”

### **Quais tipos de leitura você costuma fazer?**

“Revistas, jornais, livros didáticos, a revista Nova Escola, artigos sobre educação.”

### **Por que as faz?**

“Pra me atualizar, pra que eu fique informada do que está acontecendo no mundo e também dentro da educação.”

### **Quanto tempo dedica à leitura?**

“Tento ler sempre nas horas de lazer e no trabalho quando tem um horário livre, no intervalo da aula.”

### **Lê para preparar suas aulas? O que você lê?**

“Leio artigos da internet, revistas, livros didáticos.”

### **Incentiva seus alunos à ler? Como o faz?**

“Incentivo através de livros diferenciados na sala de aula, que mais chama a atenção das crianças. Então tem que trazer coisas diferentes, por exemplo revistas, elas gostam da revista recreio, então tem uma caixa destas revistas na minha sala.”

### **Que leituras faz para seus alunos?**

“Diversos tipos e gêneros mas o tipo de leitura que mais costumamos a fazer é a leitura compartilhada e dentro desta leitura, apresento diversos tipos de textos.”

## **Professora 6**

### **Você lê?**

“Eu leio muito.”

### **Quais tipos de leitura você costuma fazer?**

“Eu gosto muito de ler biografias, jornal, textos informativos pra ficar sabendo das coisas.”

### **Por que as faz?**

“Porque eu gosto bastante, eu gosto de ler.”

### **Quanto tempo dedica à leitura?**

“Toda noite antes de dormir, até me dar sono.”

### **Lê para preparar suas aulas? O que você lê?**

“Eu leio pra preparar minha aulas. Primeiro eu leio a ata, né, pra ver o que preciso, o conteúdo mínimo e de acordo com o perfil da sala eu vou montando as aulas. E leio o tamanho do texto, o tipo do texto pra saber se é fácil ou não pra passar pra eles também.”

### **Incentiva seus alunos à ler? Como o faz?**

“Sim, bastante, eu leio bastante pra eles, principalmente livros paradidáticos.”

### **Que leituras faz para seus alunos?**

“Eu leio só coisas específicas para a idade dos meus alunos, livros de literatura infantil, por causa da linguagem que é fácil, que eles entendem. Leio livros didáticos que ensinam alguma coisa, não só “historinhas”. Tanto que neste último bimestre nós estudamos fábulas que tem uma moral e ensinam, e também paradidáticos sobre animais. Tem muitos paradidáticos sobre animais que dá pra ensinar alguma coisa, eles acham que é “historinha” ai os alunos acabam aprendendo se divertindo.”

## **Professora 7**

### **Você lê?**

“Diariamente.”

### **Quais tipos de leitura você costuma fazer?**

“Ultimamente minha leitura é mais voltada “pra”... tudo relacionada à educação infantil.”

### **Por que as faz?**

“Por causa do meu trabalho, eu preciso ler muito pra conseguir entender um pouco do desenvolvimento das minhas crianças.”

### **Quanto tempo dedica à leitura?**

“Em média 2 horas por dia.”

### **Lê para preparar suas aulas? O que você lê?**

“Bastante! É, na parte de didática eu leio muito sobre alfabetização, avaliação, me fugiu o termo, “pera”... é, são as duas coisas que ultimamente eu mais tenho lido. Luiz Carlos de Freitas, Telma Welz, é a leitura que está embasando o trabalho em sala.”

### **Incentiva seus alunos à ler? Como o faz?**

“Diariamente! Inclusive, alguns alunos trazem livros de casa e dependendo do livro, do conteúdo destes livros, eu até permito que eles venham na frente da sala para socializar essa leitura. Ler “pros” amigos é importante porque incentiva os outros a fazerem o mesmo, e quando não tem um aluno que faça, eu mesmo seleciono algum livro adequado pra faixa etária deles e faço a leitura.”

### **Que leituras faz para seus alunos?**

“Leio muita poesia, fábulas, contos de fadas, a gente não tem só lido, mas também debatido bastante e conversado sobre as histórias. Neste semestre a leitura “pra” eles tem sido direcionada “pra” contos de fadas, poesia fábulas.”

## **Professora 8**

### **Você lê?**

“Ultimamente, pra mim tenho lido bem pouco.”

### **Quais tipos de leitura você costuma fazer?**

“Jornal, depende assim...eu gosto muito de ler romance mas eu to sem tempo. Ultimamente eu não tenho pegado um livro na mão, é mais assim, se um texto cai na mão ai a gente lê aquilo no momento. “

### **Por que as faz?**

‘Leio primeiro porque eu gosto, segundo porque as vezes dependendo do texto que chega pra mim é por causa da pós-graduação ou pra alguma atividade de sala de aula.’

### **Quanto tempo dedica à leitura?**

“Em casa, menos de 1 hora por dia + ou - .”

### **Lê para preparar suas aulas? O que você lê?**

“Sim. Depende do tema da aula, vai depender do projeto...por exemplo, eu “tava” trabalhando um projeto da ANVISA, então eu lia muita coisa sobre saúde, sobre remédios, bulas, então depende do projeto de aula.”

### **Incentiva seus alunos à ler? Como o faz?**

“Sim. Primeiro lendo pra eles todos os dias, tem o dia da leitura e deixo os livros à disposição pra eles, quando os alunos que acabam a atividade querem ler, podem ir e pegar um livro.”

### **Que leituras faz para seus alunos?**

“Contos de fadas, assombração, poesias, diversos textos jornalísticos, científicos. Varia bastante.”

## **Professora 9**

### **Você lê?**

“Leio.”

### **Quais tipos de leitura você costuma fazer?**

“Textos diversificados, de revistas das atualidades, jornais no final de semana.”

### **Por que as faz?**

“Pra me manter sempre atualizada.”

### **Quanto tempo dedica à leitura?**

‘Difícil falar, porque a gente está lendo constantemente ou é um livro de escola ou um material que precisa preparar, né, então é difícil responder qual o tempo exato.’

### **Lê para preparar suas aulas? O que você lê?**

“Sim, leio. Eu preparo e procuro sempre encontrar procurar textos relacionados ao que eu vou trabalhar então é uma busca constante então depende do tema que eu vou trabalhar com as crianças durante a semana, então eu procuro tudo que esteja envolvendo o tema. E através de livros eu também encontro o que procuro.”

### **Incentiva seus alunos à ler? Como o faz?**

“Incentivo bastante, nós temos na sala o cantinho da leitura, eu leio muito pra eles então a gente lê o tempo todo na sala, a atividade que eu “to” explicando, os cartazes da sala, os próprios crachás, então nós estamos sempre lendo alguma coisa.”

### **Que leituras faz para seus alunos?**

“São leituras diversificadas, tem os livros paradidáticos de histórias que eu conto todos os dias, tem o texto de acordo com o tema que eu estou trabalhando, então eu sempre procuro algo, em poesias, e em textos variados.”